



AS POSSÍVEIS RAZÕES DO SUCESSO ESCOLAR EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS

Cleudane Andrade - Universidade do Vale do Itajaí

Tânia Regina Raitz - Universidade do Vale do Itajaí

Resumo: Este texto trata-se de um estudo realizado em duas escolas públicas, uma do estado do Paraná e outra de Santa Catarina, que proporcionaram um dos índices melhores no IDEB, avaliação realizada em 2009 nas escolas públicas. O objetivo foi investigar os fatores que foram importantes para que essas escolas atingissem esse índice. A questão norteadora de pesquisa foi: Quais as dimensões que contribuem para uma educação de qualidade para que essas duas escolas públicas sejam de sucesso? O estudo usa dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) referente ao ano de 2009 da 8ª série do Ensino Fundamental. A natureza da pesquisa é qualitativa, realizada por meio de entrevistas com 32 sujeitos (alunos (as), professores (as), pais e gestores escolares). Os resultados apontam para duas dimensões “extracurriculares” e “intracurriculares” que vêm comprometendo o “sucesso” nas escolas públicas brasileiras: status social da escola, seleção de alunos, baixa rotatividade de alunos, professores e alunos na escola, infraestrutura adequada, apoio pedagógico, qualificação dos professores, pais “presentes” na escola e na vida escolar do filho.

Palavras-chave: Escola de Sucesso, Qualidade de Ensino, Políticas Educacionais.

Introdução

Diante de muitas inquietações a respeito do ensino e educação de qualidade brasileira, como: a pouca participação efetiva da família na escola, a falta de vontade de estudar, a ausência de recursos materiais que são fundamentais para uma educação de qualidade, o baixo capital cultural e entre outras situações, nos permitem pensar que seria “improvável” o sucesso de muitas escolas públicas. Situações como estas que as escolas enfrentam no dia-a-dia tornam-se pertinentes, uma vez que percebemos a qualidade da educação fragilizada e notamos que há muito para se fazer, no que diz respeito a “qualidade”. Neste contexto, notamos que os profissionais acabam se desmotivando a melhorar suas práticas em sala de aula, pois esses confrontos prejudicam o “ensinar e o aprender” dificultando o bom andamento das aulas.

Nesse conjunto de insatisfações, seja dos alunos, pais, professores e os que estão inseridos no âmbito educacional, nos faz pensar que enquanto estudiosos da área,

precisamos urgentemente encontrar soluções para estes problemas existentes nas escolas públicas. Buscar maneiras de realizar um trabalho com mais competência na educação e proporcionar aos alunos, pais e comunidade um envolvimento maior, mais eficaz. No entanto, percebe-se a escola sozinha, sem a participação efetiva desses atores para poder auxiliar nestas mudanças. Neste aspecto, cada vez mais vemos crescer a dificuldade em ensinar e aprender e os problemas disciplinares nas escolas fazendo com que o professor não saiba enfrentar esta situação. Questiona-se o que leva algumas escolas públicas a alcançar “êxito” e outras “fracasso”? De quem depende esse “sucesso” ou “fracasso”? Este estudo tem como objetivo analisar as possíveis razões do “sucesso” de duas escolas públicas, uma do estado do Paraná e outra de Santa Catarina que foram destaques nas avaliações externas realizada pelo MEC em 2009 e vem obtendo esse bom índice desde 2007 quando do surgimento destas avaliações.

Há muitos estudos que enfatizam o “fracasso escolar” e, no entanto, poucos discutem sobre o “sucesso” de algumas escolas. Neste sentido, esta pesquisa permite conhecer as possíveis razões para o bom desempenho e contribui para que as demais instituições de ensino, que não conseguem obter “sucesso” reflitam sobre as práticas de ensino na sua escola. Portanto, lançamos questões norteadoras de pesquisa, tais como: Quais os elementos que influenciaram no IDEB para que estas duas escolas obtivessem sucesso escolar? Os professores estão preparados para ensinar com qualidade? Como os alunos veem o espaço escolar? Eles estudam e aprendem de forma que possam atuar na sociedade emancipadamente? Os pais participam de maneira efetiva na escola para esse aprendizado? As instituições recebem recursos financeiros do governo para investir no ensino e aprendizado? O que essas escolas oferecem aos alunos, professores e todos que estão envolvidos na educação escolar? De quem depende o sucesso das escolas?

Em síntese, diversas inquietações levaram ao desenvolvimento dessa investigação. Mesmo sabendo que os elementos que foram encontrados a partir desse estudo, não são determinantes para diagnosticar sobre o sucesso (cada escola se insere em um contexto diferenciado), nem tão pouco constituem receitas prontas, constatamos contribuições extremamente relevantes que podem ser referências para melhoria da qualidade de ensino em outras escolas públicas. Ademais, este estudo não deixa de ser uma aprofundada reflexão aos profissionais do ensino (gestores e professores) sobre suas práticas em sala de aula e a busca por mudanças no seu dia a dia, uma vez que a educação é fundamental para o desenvolvimento econômico, político, cultural e social do Brasil.

Nossa experiência mostra que são diversos os problemas a serem enfrentados. A falta de trabalho em equipe nas escolas, a não valorização dos profissionais, a participação não efetiva dos pais e professores na escola, a falta de vontade por parte dos alunos em aprender, a ausência de capital cultural do aluno, a falta de preparação ou capacitação dos professores, é que supostamente torna, em nossa opinião, a escola “fracassada”. Portanto, essa discussão passa pelos desafios urgentes a serem enfrentados, pois cada vez mais a educação encontra-se fragilizada.

Um olhar para o provável (in) sucesso nas escolas públicas

Cada vez mais observamos o crescimento de debates acerca da qualidade da educação brasileira, assim como sobre os profissionais que nela atuam. É muito comum discussões de que o “fracasso” escolar acontece com alunos pertencentes às classes populares. Mas afinal, perguntamos para iniciar esta discussão, o fracasso é do aluno? Da “escola”? Do déficit cultural do aluno? Charlot (1996) traz argumentos ponderados em seus estudos sobre os motivos do fracasso escolar acontecer entre alunos que pertencem às classes populares. Destaca também que alguns alunos, mesmo nas condições desfavoráveis e pertencendo a essa classe, alcançam o sucesso escolar. Menciona o autor que “Se, afinal, é fácil mostrar porque não é tão surpreendente que as crianças de meios populares fracassem, ficamos sem explicação diante daquelas que obtêm sucesso” (CHARLOT, 1996, p. 48). O autor acredita que não é a escola que é fracassada, mas sim situações e histórias que terminam mal,

O ‘fracasso escolar’ não existe, o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado ‘fracasso escolar’ (CHARLOT, 2000, p. 16).

As pesquisas que se referem a essa temática constataam que a causa do fracasso escolar é proveniente da família, Charlot (1996) considera que precisa ir além dessas revelações. Na teoria de Pierre Bourdieu o capital cultural é uma forma de explicar as diferenças no rendimento escolar, “O rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família“ (BOURDIEU, 1997, p. 74). Já Lahire (1997) revela em sua pesquisa realizada na França com 27 alunos que

frequentavam a 2ª série do Ensino Fundamental pertencentes às camadas populares, que em alguns casos os alunos que não conseguiam um bom desempenho na escola os pais possuíam baixa escolaridade, porém encontrou casos de alunos que a família possuía um maior grau de escolaridade e esses alunos não conseguiam bons rendimentos na escola. E casos também de alunos que se destacavam brilhantemente na escola e a situação em que viviam era desfavorável para esse “sucesso”. Diante disso, não se pode concluir que o fracasso escolar é somente herança cultural familiar.

Patto (1996) também conclui em seus estudos que a razão do fracasso escolar é atribuída aos alunos e famílias das classes populares. Para Arroyo (2000, p. 18), os alunos chegam à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse, chegam à escola *reprováveis*, sem capacidade de enfrentar o ritmo “normal” de aprendizagem. Além dos “problemas” externos apresentados, outros estudiosos destacam fatores importantes para o “sucesso”. Para a autora Luck (2002), somente uma escola bem dirigida apresenta bons rendimentos e considera que o professor é a figura principal e que contribui para que a escola tenha um bom rendimento. Ao professor, segundo a autora, cabe levar o aluno a elaborar reflexões, adquirir práticas que façam da escola um lugar significativo, que ele (professor) não seja somente um mero transmissor de conhecimento.

Nos julgamentos dos professores no desenvolvimento desta pesquisa, destacamos que a grande maioria gostaria de ter em sala de aula bons alunos, comprometidos, com bom comportamento, que prestassem a atenção nas explicações e “apreendessem” o conteúdo. Um dos diretores entrevistados chama a atenção quando comenta que “é falado constantemente em aluno ideal, mas que não consegue fazer com que muitos profissionais entendam que eles têm que “atender” o aluno real da escola, que o ideal é apenas uma utopia diante da realidade”. Neste sentido, Patto, (1996, p. 123) avança mencionando que “escola pública é uma escola adequada às crianças de classe média e o professor tende a agir em sala de aula, tendo em mente um aluno ideal”. A autora complementa que dessa forma há uma “crença na deficiência/diferença da clientela majoritária da escola pública de primeiro grau em relação aos seus pares de classe média e alta”. Outro fator discutido é a democracia nas escolas. É através das políticas públicas implantadas nas escolas que se procura fazer com que elas se aproximem do cotidiano do aluno, que se consiga oferecer um ensino de acordo com a “capacidade” de aprender dele.

Muitos educadores consideram que o “fracasso” escolar favorece os alunos pertencentes às classes populares, os alunos que não possuem um acompanhamento familiar e os pais não são escolarizados. Diante disso, Forquin (1995) faz o seguinte questionamento: “ ora, de quem é a culpa e o que fazer se os filhos de trabalhadores braçais não conseguem na escola tão bons resultados quanto os filhos de executivos ou de pais que exercem profissões liberais?” (FORQUIN, 1995, p. 81). O desafio em estar preparado para mudanças, para o inusitado, ainda mais num cenário de grandes transformações na educação e no mundo do trabalho, exige novas metodologias de trabalho para que seja oferecido um ensino de qualidade a todos que frequentam a unidade escolar.

Nas ações do cotidiano escolar, o professor, pedagogo e gestor desempenham um grande papel como investigadores da aprendizagem do aluno e poderão contribuir de forma significativa para o bom rendimento escolar. Entretanto, há muitos desafios a serem enfrentados por esses profissionais que deverão romper com alguns costumes que causam impactos na educação. Paro (1999) acredita que é importante o oferecimento de condições mínimas de participação e representação dos pais na escola. No entanto, precisa-se de muitas discussões a esse respeito, ademais é importante lembrar que as unidades de ensino, por sua vez, recebem a cada dois anos uma avaliação externa para medir a qualidade do ensino, o IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, um medidor do rendimento das escolas no Brasil.

Por meio deste resultado é possível auxiliar os gestores a identificar como está o rendimento escolar. O gestor, diante de tantas responsabilidades, vem recebendo constantes cobranças relacionadas ao resultado nessa avaliação. Se a escola atinge um bom índice, a sociedade a considera de “sucesso”. Caso não ocorra, é “fracassada, se o aluno reprova é porque os professores que estão em sala de aula não são “bons” e, assim sucessivamente, nessa situação, é comum reclamações serem dirigidas ao diretor da escola. Também como a família acompanha o desempenho do filho (a) na escola, pois ela é co-responsável pelo processo de ensino aprendizagem. Outro aspecto que deve ser considerado é se o gestor está preparado para exercer essa função. Quais ações pedagógicas são desenvolvidas na escola para que seja uma escola bem sucedida? Diante de tantas inquietudes há necessidade de grandes mudanças nas ações dos profissionais das escolas públicas. Ao gestor cabe a responsabilidade de buscar transformações que venham proporcionar melhorias na educação.

Os professores enfrentam inúmeras dificuldades em sala de aula, neste sentido, esperam dos pais um auxílio para poder ensinar. Esperam alunos na sala de aula preparados para aprender conteúdos sem necessidade de ficarem cobrando frequentemente mais atenção, disciplina, tarefas de casa realizadas, respeito, pontualidade, responsabilidade, enfim, na visão deles o aluno “deveria” chegar na escola sabendo e preparado somente para “aprender”. Mas sabemos que a realidade não é essa. Ao entrar na sala de aula o professor acaba fazendo o papel dos pais e muitas vezes não consegue ensinar. Paixão (2007), Arroyo (2004), Lahire (2002), Libâneo (2001- 2004) contribuem para essa discussão.

A aproximação da família supostamente poderia ajudar os professores no bom rendimento escolar do filho. Como os professores não sentem essa presença acabam enfrentando grandes desafios em sala de aula. E assim como os gestores, os professores, na opinião dos pais, são os principais responsáveis pelo bom rendimento do aluno e do sucesso escolar. Há muitos casos que se o aluno não consegue bom desempenho é porque o professor não soube explicar o conteúdo. Os pais acabam conhecendo somente a versão do filho, desvalorizando o trabalho docente.

Assim, os confrontos geram constantes reflexões e diferentes ações frente às fragilidades no âmbito escolar e se fazem necessários para o aprimoramento profissional, sobretudo, na perspectiva de oferecer um ensino com qualidade nas escolas públicas. Portanto, estas questões não deixam de estar relacionadas com a identidade do professor. Souza (2006, p. 20) acredita que é no dia a dia, em sala de aula, que professores constroem sua identidade “entendida como um lugar de lutas, tensões e conflitos, caracterizando-se como um espaço de construção do ser e estar na profissão, que parte do pessoal para o profissional e vice-versa.” É importante que toda a equipe pedagógica, direção, docente, pedagogos, estejam apoiados para realizar essas mudanças.

Para Luck (2010) , as escolas em que os pais estão mais presentes os alunos aprendem mais. Fazer uma avaliação externa das práticas educativas dos gestores, professores, alunos e do ensino como um todo, pode ser um momento crucial para aqueles que estão direta ou indiretamente ligados à educação. Nem sempre essas “avaliações” aplicadas estão realmente atingindo os resultados esperados. Esses medidores da qualidade de ensino nas escolas vêm sendo de certa forma, para muitas escolas uma punição e, para outras, um prêmio. Se o resultado for positivo, a comunidade no geral enxerga a escola com outros olhares, ao contrário é vista como

uma escola de fracasso que precisa melhorar e automaticamente “condena” a instituição de ensino como um todo, gestores, professores, alunos, pais e todos que fazem parte da educação escolar. Há autores que nos ajudam a entender que as avaliações externas nas unidades escolares não podem ser interpretadas como uma punição ou reprovação.

Para identificar as duas escolas de “sucesso” na presente investigação utiliza-se o indicador de avaliação da Educação Básica, o IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

O IDEB é um “indicador” da qualidade nos ensinos das Escolas Públicas de Educação Básica do Brasil, foi criado em 2007 com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com o objetivo de avaliar o ensino no município e também na unidade escolar. Esse indicador apresenta também o fluxo (aprovação, repetência e evasão) escolar e seu desempenho. Quanto à reprovação avaliam-se alunos que abandonam a escola e a qualidade na educação. De acordo com Fernandes (2007), o Brasil ainda “trilha” um longo caminho.

A nota do IDEB varia de zero a dez, no entanto, as escolas vêm apresentando um índice bem baixo da média nacional, indicação essa de que a educação no Brasil está fragilizada e precisa melhorar. Portanto, para que o rendimento e desempenho desses alunos seja “bom” é um desafio para muitos profissionais da área educacional que não conseguem alcançar esse índice alto nessas avaliações. A avaliação nas escolas chamada de Prova Brasil, avalia todos os estudantes das escolas públicas em relação ao conhecimento da Língua Portuguesa e Matemática e a administração em geral dessas escolas. Soares e Figueiredo (2010), em suas considerações sobre o IDEB dizem que é possível apreciar se a escola é bem sucedida quando consegue obter bons resultados em testes padronizados, bem como manter os alunos sem evasão e repetência.

Compreender o Sistema de Avaliação da Educação Básica no Brasil e conhecer o que houve de positivo para uma educação de qualidade é fundamental para que gestores, professores e equipe pedagógica e o próprio governo, consigam desenvolver ações na unidade escolar. Além de fazer deste ambiente um lugar significativo para todos que atuam na escola e para alcançar os resultados esperados, sem ficar pensando que o índice baixo foi um “fracasso” total para todos que estão envolvidos na educação.

Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento dessa investigação foi realizada uma abordagem qualitativa que “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEIN, p. 49, 1994). Por meio deste enfoque procurou-se atingir os objetivos propostos desse estudo e para se chegar aos resultados foi realizado um levantamento por meio de dissertações, teses, artigos em livros e revistas, obras importantes de autores que contribuíram para conexões teórico-metodológicas relacionadas à temática. Após foram realizadas entrevistas com os sujeitos de pesquisa e o registro de toda coleta de dados para posterior na análise interpretativa. Bodgan e Biklein (1994, p. 48) ressaltam que “os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhores compreendidas quando são observáveis no seu cotidiano habitual de ocorrência”. Esse cotidiano deve ser explorado de forma constante para que se observem os detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos aos nossos olhos de pesquisadores.

Nesse sentido, a opção em ir até essas escolas entrevistar gestores, professores, alunos e pais proporcionou um envolvimento mais intenso com a pesquisa. Desta forma, foi possível para a realização desta pesquisa a participação de gestores (2), professores (10), alunos (10) e pais (10). No total foram 32 sujeitos, as entrevistas semiestruturadas proporcionaram organizar o material coletado sistematizando em dimensões conforme os objetivos da pesquisa. O tratamento dos dados ocorreu por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2006). Neste sentido, foi realizada uma releitura do material para identificar os pontos mais significativos. Na fase descritiva da pesquisa se procurou contextualizar e interconectar com os autores que foram trazidos no desenvolvimento do corpus teórico, procurando, desta maneira, acrescentar algo de “novo” nas pesquisas já realizadas sobre o assunto.

Foram selecionadas duas escolas públicas pelo maior índice do IDEB, uma do estado do Paraná e outra de Santa Catarina. A pesquisa foi desenvolvida em dois estados diferentes para analisar se as mantenedoras oferecem fatores importantes e diferenciados em cada estado. Neste caso específico, procurou-se buscar se a família, profissionais envolvidos na educação, os recursos financeiros, contratação de professores, métodos de ensino, etc, são fatores que contribuem ou não para a qualidade de ensino. O critério para escolher este indicador, o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e selecionar as duas escolas, foi por esse ser um medidor do

rendimento das escolas públicas no Brasil. Em todo o processo de pesquisa foram levados em consideração os procedimentos éticos orientados pelo Comitê de Ética no que se refere às investigações com seres humanos.

As possíveis razões do sucesso escolar dessas duas escolas

Durante todas as entrevistas nas duas escolas, nas casas e no trabalho na maioria dos depoimentos podemos ver um conjunto de elementos como influência deste “sucesso”. Quando perguntamos o que consideravam mais relevante para esse “sucesso” escolar ouvimos que além de outros fatores de extrema importância, em unanimidade comentaram o trabalho do gestor, do professor e dos demais envolvidos na escola, como pedagogos, pais e comunidade em geral. Conforme eles estes são de suma importância para o bom rendimento escolar dos alunos. O que a escola oferece como infraestrutura é importante, mas ainda é a responsabilidade dos profissionais que atuam na escola o mais fundamental. Segundo o relato de um dos professores do Paraná,

[...] não tem como nós quisermos fazer um trabalho de qualidade se não tivermos um apoio pedagógico para isso, e depois vem cobrança por isso, nada adianta o estado oferecer muitas oportunidades para os alunos na escola se o diretor não vai atrás dos programas oferecido, nada adianta sermos “bons” professores em sala se os alunos não querem aprender e os pais não os acompanha na escola, e nada é feito para que isso melhore, e assim vai...

A necessidade de mudanças e o aperfeiçoamento profissional no sentido de desempenhar suas funções na escola de maneira democrática fazem com que todos na enfrentem grandes desafios diante das práticas de trabalho e se mobilizem para um único objetivo. Supõe-se que as melhorias na maneira de administrar, nova mentalidade e ações concretas auxiliam no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Luck (2000), diz que essa formação é plena não apenas mediante uma nova mentalidade e atitudes; ela necessita, para sua expressão, de conhecimentos e habilidades que tornam as pessoas capazes de agir com proficiência. De nada vale as boas ideias sem que sejam traduzidas em ações competentes e consequentes.

Os dois gestores destas escolas acreditam que além da direção executar um trabalho com competência e habilidade, sozinhas não conseguem sucesso. A parceria entre todos (as) na escola é fundamental para a realização de uma administração e

educação escolar de qualidade para se chegar a esse índice que todos esperam nas escolas. Entretanto, eles reconhecem a pouca participação dos envolvidos nas ações da escola, principalmente em uma das escolas que foi desenvolvida a pesquisa.

Os alunos, além dos elementos que veremos a seguir, destacaram a direção, elevaram os professores, os pais e eles próprios. Em uma das escolas percebeu-se a insatisfação dos professores em ter que “aceitar” as formas de administração escolar da época. Entretanto, mesmo estando insatisfeitos com algumas ações, procuravam exercer o trabalho com o máximo de qualidade possível em sala de aula, pois consideravam os alunos “bons” e apostavam neles. No entanto, identificou-se que a gestão, o professor, o aluno e a família foram referenciados como uma influência muito grande no sucesso escolar dessas duas escolas, nas ações, na valorização e no comprometimento. A seguir concentraremos nos fatores encontrados nesta pesquisa que chamaremos de “extra-escolares” e “intra-escolares”.

Durante a investigação e a realidade que vivenciam os pais dos alunos destas duas escolas analisadas percebemos a constante preocupação deles em matricular o filho em uma escola que fosse referência no processo de ensino aprendizagem. Todas as mães falaram que os filhos estavam estudando nessas escolas por conta de tudo que a escola oferecia, por ser uma referência na cidade, ser de excelente qualidade no ensino, professores qualificados, boa estrutura, etc. Uma mãe entrevistada no Paraná, destaca e diz, *“antes de fazer a matrícula do meu filho nas escolas, procurei a melhor, porque há muitas escolas públicas que não oferecem tudo que essa oferece, e meu filho quer estudar para passar em um vestibular e aqui os alunos vêm pra estudar não como em outras que só pensam em brincar”*. Estes pais procuravam uma escola que apresentassem essas características para matricular seus filhos.

Para o autor, não se pode afirmar que o fracasso escolar está somente relacionado com as classes sociais dos alunos, mas deve-se estudar o fracasso na relação com o saber e a escola. Embora isso ocorra em maior número com alunos pertencentes às classes populares, mas há casos de alunos provenientes dessas classes e que são brilhantes na escola, nesse caso deveria buscar a história desses alunos, esclarece o autor. Lahire (2008), em sua pesquisa afirma também que não se pode entender o sucesso escolar do aluno como “reprodução necessária e direta”, econômica e cultural familiares da situação social. Ele acredita que a família é importante para o bom desempenho do aluno, mas, não só “ela” como a escola e outras instituições influencia para o bom rendimento. Logo Patto (1996) aponta três dificuldades para o fracasso

escolar para os alunos provenientes da classe popular: a) as condições de vida, a falta de formas adequadas para a escola saber lidar com esse aluno e a falta de sensibilidade e de conhecimento da realidade de vida dos alunos.

Paixão (2007. p. 2), em seus estudos percebeu que alguns professores demonstraram insatisfação diante da situação que enfrentam na sala de aula. Eles esperam que os pais façam a parte deles em casa que é a “educação”. Consideram que a função deles é “ensinar” também, e isso ocorre tanto com as crianças das classes populares como das classes médias. No entanto, nas escolas públicas estaduais que recebem todas as crianças, seja das classes populares ou não, esse procedimento de exigir que os pais “eduquem” para que os filhos consigam chegar à escola para aprender os conteúdos propostos e necessários, não acontece. São alunos que chegam, muitas vezes, na escola com ausência cultural familiar fragilizada, as notas dos alunos nem sempre, mas as vezes são as melhores, alunos que chegam com fome, sem os materiais necessários para estudar, entre outros fatores que são importantes para se atingir um bom desempenho. Nesta perspectiva, Charlot (2000, p. 50) nos ajuda a compreender melhor quando diz que há alunos provenientes das classes populares que são brilhantes em sala de aula, mas entende também que “há uma postura diferente frente à escola entre as crianças de classes médias e de meios populares”. E isso, segundo o autor tem um “peso importante”.

Na escola do Paraná, a seleção de alunos é uma medida adotada pela escola. Segundo o que comenta a direção o colégio se situa no que é chamado de regime especial. O colégio goza de certa autonomia orçamentária (portanto, financeira), pedagógica e administrativa. *“Isso significa que podemos selecionar a alunos sim, desde que seja uma decisão de todos aqui, professores, pedagogos. há muitos interessados para poucas vagas”*. Nesse caso, para o aluno ingressar na escola ele passa por uma análise de currículo. Os critérios para ingressar nessa escola do Paraná são o seguinte: primeiro é a idade e depois os alunos passam por uma avaliação de currículo, somente os alunos com as melhores notas é que são matriculados. Na escola de Santa Catarina, não há seleção de alunos, mas eles entram no 1º ano do Ensino Fundamental e permanecem até o 9º ano, séries finais.

Lahire (2008.) e Charlot (2000) constata que a família tem uma grande responsabilidade na formação e desenvolvimento do filho (aluno), pois são eles que acompanham toda a história desses indivíduos, suas primeiras experiências de vida, por exemplo, são adquiridas na família. Neste sentido, é inegável, segundo estes autores, a

contribuição dos pais para o desenvolvimento humano, seja para o sucesso ou para o fracasso escolar dos filhos. Nestas duas escolas notamos a presença dos pais de duas maneiras. Na de Santa Catarina verificou-se a luta incansável pela presença dos pais na escola. Os pais, por sua vez, procuram sempre estarem presentes e dizem que querem dividir essas responsabilidades com a escola, pois valorizam a ação escolar. Talvez pelo fato destes alunos permanecerem desde o 1º ano das séries iniciais na mesma escola e os pais acompanharem desde cedo seus filhos nas atividades escolares, eles continuam presentes na escola como um hábito. E esse fato acaba contribuindo para resultados positivos, tanto para seu filho como para a escola. Figueiredo (2010) pontua muito bem quando se refere que a escola consegue provar que é bem sucedida e mantém a qualidade no ensino, pela permanência dos alunos na escola, evasão, reprovação, etc.

Entretanto, um dos fatores relevantes também para o sucesso ou fracasso escolar está pautado na escolaridade dos pais destes alunos nas duas escolas do Paraná e Santa Catarina. Todos possuem escolaridade elevada, ensino superior completo, apenas uma possuem Ensino Médio completo. Isso se revelou como um fator muito importante para o desempenho do aluno, pois os alunos chegam em casa e não se sentem “sozinhos”, distintamente do que acontece com os alunos das classes populares como coloca Lahire (2008).

Em relação aos aspectos intraescolares a seguir iniciam com um aprender e ensinar para além da sala da aula. Fazer da escola um ambiente agradável para que o aluno se sinta motivado em aprender e encontre um novo significado em estar na escola é um desafio para todos os envolvidos na educação. Neste estudo compreende-se que uma das grandes razões dos alunos estarem interessados em aprender e buscar conhecimentos é estar coligado ao ambiente escolar. Dos dez alunos entrevistados, oito consideram como aspectos positivos para permanecer na escola o professor, o ambiente escolar e o que a escola oferece, sejam nas atividades extras-curriculares como na infraestrutura, esse último aspecto mais observado na escola do Paraná.

O modo como as aulas são administradas, como são tratados, a diversificação e as ações educativas que há nas escolas contribui para a escola se tornar um lugar significativo na opinião destes alunos. Isto reforça o que Luck (2002) coloca “o professor é a figura principal para fazer com que os alunos gostem ou não da escola, motivar ou não a estudar”. Neste sentido, um aluno De SC1 revela porque se sente motivado, *“ficávamos muitas horas aqui na escola, há muita coisa pra fazer aqui se quiser. E mesmo se ficássemos o dia todo parece que não enjoávamos da escola,*

entende? Eu até preferia ficar aqui do que em casa as vezes. Aqui eu tinha meus amigos, os professores que me faziam gostar de estar na escola, entende? ”.

Ressalta-se que estas duas escolas procuram proporcionar aos alunos (as) atividades extras, como: esportes, idiomas, danças, aulas de artes, natação na escola do Paraná, musica, etc. Nesse caso eles ficavam mais tempo no espaço escolar, favorecendo o aprendizado segundo os relatos dos professores entrevistados. Além de perceber, mais na escola de Santa Catarina, a afetividade entre alunos, professores, direção e pais é visível. É interessante este posicionamento, pois leva a acreditar que ”A educação na sua concepção mais ampla, tem objetivos que ultrapassam o raio da ação da escola” (SOARES, 2007, p. 136). Deste modo, proporcionar aos alunos, além de um ambiente agradável, um aprendizado através de outras atividades se torna um dos elementos que podem estar influenciando para o sucesso destas escolas, fato registrado entre os entrevistados nessa pesquisa. Tanto os pais, como alunos e professores consideram que as atividades extracurriculares e diversificadas em sala de aula se configuram em elementos importantes para o bom desempenho do aluno, para que ele tenha uma integração melhor com os colegas, além de fazer com que o aluno esteja mais presente no espaço escolar. .

Considerações finais

Esta investigação identificou as dimensões que influenciaram para o sucesso escolar de duas escolas, uma no estado do Paraná e outra no estado de Santa Catarina como pode se ver por meio do índice no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, nesses dois estados, portanto, se selecionou as escolas que apresentaram o maior índice em 2009 na avaliação para que fosse possível investigar os fatores que contribuíram para que elas atingissem esse indicador. Como foi visto se destacou alguns fatores comuns nessas escolas que podem ter sido importantes para o bom desempenho delas no IDEB. Ao final, entende-se que os resultados dessas avaliações externas não são garantia de êxito, mas a partir desta investigação pode-se refletir sobre dimensões encontradas e procurar explicar as possíveis razões para esse “sucesso”, pois muitas escolas públicas vêm apresentando uma média nacional muito abaixo diante destas avaliações.

Contudo, ainda surgem indagações a respeito do IDEB, afinal a prova aplicada nas escolas públicas e urbanas, chamada de Prova Brasil pode “provar” ou “aprovar”

com apenas uma nota, o “sucesso” real da escola e dos alunos? E os alunos que não conseguiram um bom desempenho nestas escolas terão auxílio pedagógico? Após o resultado, as escolas que não obtiveram sucesso, terão um acompanhamento para melhoria no ensino? É apresentando o por quê deste resultado? Qual é o problema ou a razão do “sucesso”? Portanto, podemos considerar essas avaliações externas um importante indicador para que os dirigentes escolares, estado, município possam corrigir alguns problemas, reorganizar as discussões ou a metodologia de trabalho, promover melhorias no ensino, mas que estes resultados finais nos testes padronizados, não capta a real dinâmica das unidades escolares. Por isso, na análise optamos por dar dois enfoques intraescolares e extraescolares para facilitar a compreensão do estudo.

Na análise da dimensão “extraescolares” se procurou olhar os aspectos da escola de um modo mais global, uma análise de fora para dentro da escola, já análise da dimensão “intraescolar” abordou os processos internos, os quais são denominados com os subtítulos, um aprender e ensinar além da sala de aula; os professores e gestores que atuam para o sucesso nessas escolas; a infraestrutura escolar no auxílio ao sucesso escolar e o trabalho pedagógico no ‘sucesso escolar’. Neste sentido, sugere-se que as políticas educacionais levem em consideração estas dimensões/fatores que contribuem para a qualidade de ensino e que possam oportunizar a ampliação às outras escolas públicas que têm dificuldade de alcançar este índice ou outro tipo de avaliação.

Referências

ARROYO, M. **Fracasso-sucesso**: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In. ABRAMOWICS, A.E Moll, J. (org) Para além do Fracasso Escolar. Campinas, Ed. Papirus, , 2004, 3ª edição, p. 11-26.

BARDIN, L. Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edição 70. 2006.

BRASIL. Presidência da Republica. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: resultados 2009, disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/prova-brasil-e-saeb/prova-brasil-e-saeb>. Acesso em 15 de janeiro de 2012

BODGAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução á teoria e aos métodos Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista, Porto-PT: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. (coord). **A miséria do mundo**. Tradução Mateus S. Soares Azevedo et al. 2 ed. Petrópolis: Vozes , 1997

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia**. Cad. Pesquisa., São Paulo, p. 47-63, maio , 1996. Trad. Neide Luzia de Rezende.

_____. Da relação com o saber. **Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Entrevista**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=006. Acesso em 15 de Janeiro de 2012, às 00h 12m.

FREITAS, Katia Siqueira de. Uma Inter-relação: Políticas Públicas, gestão democrático-participativa na escola pública e Formação da equipe escolar. In: **Revista Em Aberto** / Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais. V.17, n. 72, P. 47-59, fev/jun 2000

FORQUIN, Jean Claude. **Abordagem sociológica do sucesso e do fracasso escolares: desigualdades de sucesso escolar e origem social**. In.: FORQUIN, Jean Claude (Org). Sociologia da Educação : Dez anos de pesquisa. Petrópolis, Vozes , 1995, p. 79-145

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável** . São Paulo: Ática , 2008. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. As razões do improvável. Tradução Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. 1ª edição. Editor, 2002

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola da escola**. teoria e prática. 5 ed. Revista e ampliada. Goiânia : Editora Alternativa, 2004.

_____. **Organização e gestão da escola da escola**. teoria e prática. Goiânia : Editora Alternativa, 2001.

LUCK, Heloisa. **Ação Integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional**. 19ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. In: **Em aberto**. Brasília. V.17, nº 72, p. 3-5, fev/jun. 2000.

_____. **Gestão da Cultura e do clima organizacional da escola.** Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010 – série cadernos de gestão.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar.** Introdução crítica. 9 ed, São Paulo, Cortez, 1999.

_____. **O Conselho de escola na democratização da gestão escolar.** In: BICUDO, M.A.V.; SILVA JR, C.A (orgs) Gestão, financiamento e direito à educação : análise da LDB e da Constituição Federal. São Paulo. Xamã., 2001.

PAIXAO, Léia Pinheiro. Escolarização : estratégias Instrumentais e identitárias. **Atos de Pesquisa em educação** , v 2 p, 1-29, 2007b.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar:** Histórias de submissão e rebeldia. 1987. 312p. 2v. Tese (Livre docente em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, C.M.M.; FIGUEIREDO . L. **Nível de Renda e Qualidade da Educação nos Municípios Brasileiros. XIV seminário sobre Economia Mineira.** Diamantina – MG. Org. CEDEPLAR/FACE (UFMG), 2010.

SOARES, J.F. Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. In: **Cadernos de Pesquisa**, 37 (130), 135-160 - 2007

SOUZA, Elizeu Clementino de Souza. A didática como iniciação: fabricação de identidade, políticas e práticas de formação de professores. In. **Encontro Nacional de didática e prática de ensino. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino.** Recife: ENDIPE, 2006. P. 15-25.

VASCONCELLOS, C.S. **Coordenação do trabalho pedagógico:do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** 6ª edição . São Paulo: Libertad Editora, 2006.

VENOSA, Silvio de salvo. **Direito Civil : Direito da família.** 5 ed.,v. 6, São Paulo: Atlas, 2005